

A CLASSIFICAÇÃO VOCABULAR SEGUNDO J.R. MACAMBIRA

Márcia Teixeira Nogueira*

O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir algumas questões acerca da classificação vocabular na forma como o assunto é tratado pelo Professor J. R. Macambira, no livro *A Estrutura Morfo-sintática do Português*. Essas questões foram levantadas por ocasião da palestra que proferi na Semana de Estudos Macambirianos promovida pelo Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará.

Dentre as contribuições do Professor J. R. Macambira aos estudos lingüísticos na descrição da língua portuguesa, a referida obra é uma das mais conhecidas pelos alunos dos cursos de graduação em Letras. Certamente isso se deve à tentativa do autor de explicitar o conjunto de propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas das classes de vocábulos e dos termos da oração que se encontram consignados pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, NGB.

Sabemos que é na observação de tais propriedades que se constituem os critérios que têm norteado os vários sistemas de classificação vocabular. Enquanto se verifica, na classificação tradicional, uma utilização heterogênea desses critérios, com predomínio do semântico, o que parece caracterizar as propostas de classificação no âmbito das teorias lingüísticas é a eleição de um deles como fundamental, seja o morfológico, como a de Hermann Paul e a de Sweet; o sintático, como a de Otto Jespersen e a de John Lyons; ou o semântico, tais como a de R. Lenz e a de V. Bröndal.

No capítulo intitulado *Forma, Função e Sentido*, Macambira explica e exemplifica tais critérios e faz opção pelo critério morfológico, ou seja, prioriza a observação das propriedades formais relativas à flexão e à derivação dos vocábulos como método mais eficiente de identificá-los como membros de uma classe. Acontece que a investigação feita pelo autor ocorre na perspectiva de evidenciar aspectos, primariamente formais, que particularizem as

classes já postuladas pela NGB. Assim é que o lingüista propõe também a utilização do critério sintático quando não for possível encontrar, nessas classes, indicações formais que lhes sejam privativas.

No desenvolvimento de sua obra, Macambira, que se diz seguidor da orientação estruturalista, faz várias críticas à imprecisão das definições de carácter semântico recorrentes nas gramáticas tradicionais, tais como as que afirmam ser o substantivo a palavra que designa os seres em geral; o adjetivo, a palavra que denota qualidade, e o verbo, aquela que exprime ação, fenômeno ou estado. Para o autor, os aspectos semânticos devem ser considerados como simples ponto de referência para estabelecer as oposições igual/diferente decorrentes das alterações formais e só excepcionalmente podem fundamentar critérios decisivos de classificação.

Com base nessa hierarquia de critérios classificatórios, Macambira define as classes substantivo, adjetivo, advérbio e verbo. Como o paradigma flexional não distingue substantivo e adjetivo de outras classes como artigo, pronome e numeral e está ausente no caso do advérbio, é investigando os paradigmas derivacionais que o autor procura estabelecer elementos que conduzam a uma particularização de cada uma dessas classes.

Dessa forma, o lingüista cearense define o substantivo como a classe de palavra variável que admite os sufixos *-inho* ou *-zinho*, *-ão* ou *-zão*, correspondentes, respectivamente, a pequeno e grande (ex.: Livro : livrinho = livro pequeno / livrão = livro grande); outros sufixos, tais como *-se*, *-ez*, *-ância*, *-ança*, *-ência*, *-ura*, *-ença* que geram oposições formais com os adjetivos (ex.: síntese - sintético) e os sufixos *-ção* e *-dura* que acarretam oposições formais com os verbos (ex.: cassar - cassação),

Já o adjetivo é definido pelo autor como a classe de palavra variável que admite os sufixos *-íssimo* *-érrimo* e -

* Professora do Departamento de Letras Vernáculas e aluna do Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa.

limo, produzindo oposições formais entre o grau positivo e o grau superlativo (ex.: lindo - lindíssimo), o sufixo *-mente*, de que resulta a oposição formal com o advérbio (ex.: calma - calmamente) e os sufixos *-vel*, *-ento* que acarretam a oposição com o substantivo (ex.: cinza - cinzento).

Quanto à classe dos advérbios, segundo Macambira, somente aqueles que pertencem ao sistema aberto podem ser formalmente determinados a partir das oposições formais com o adjetivo por meio do sufixo *-mente*. Por fim, o autor recorre ao critério sintático, definindo o advérbio como a classe invariável que pode articular-se com os advérbios *tão*, *quão* e *bem* (ex.: tão depressa, quão cedo, bem perto) e, numa definição mais abrangente, como a classe de palavra invariável que funciona como terceiro elemento depois do pronome subjetivo e do verbo intransitivo (ex.: Eu trabalho sempre).

O verbo, classe de maior riqueza formal e, por isso mesmo, mais facilmente identificável, é definido por Macambira como a classe de palavra que se enquadra no seguinte paradigma flexional: *-r* (infinitivo), *-ndo* (gerúndio), *-rei* (futuro do presente) e *-ria* (futuro do pretérito).

Na análise do artigo, do numeral e do pronome, o lingüista encontra dificuldades para explicitar indicações formais relativas à flexão ou à derivação que digam respeito a todas as suas subclasses conhecidas nas gramáticas tradicionais e que venham a particularizar cada um deles como uma classe distinta das demais, visto que o artigo não apresenta flexão particular, os numerais cardinais expressam o plural por heteronímia, os ordinais e os multiplicativos assumem a flexão numérico-genérica, os pronomes pessoais manifestam a categoria de pessoa e fazem o plural por heteronímia. Entretanto, de um modo geral, em dois aspectos, essas classes se assemelham; uma de natureza morfológica, por não aceitarem, com os mesmos valores, os sufixos de diminutivo e aumentativo dos substantivos, os de superlativo dos adjetivos e o sufixo *-mente* dos advérbios; e outro de natureza sintática; por terem uma distribuição semelhante, ou seja, são classes que combinam imediatamente com o substantivo, concordando com ele em gênero e número. Em virtude disso é que Macambira, influenciado por Otto Jespersen, advoga a inclusão do artigo, do pronome e do numeral em uma mesma classe. É pena que o autor não tenha destacado essa proposta de mudança na classificação tradicional desde o início de sua obra, cuja organização em capítulos pode causar a impressão de que a classificação proposta pela NGB é completamente aceita por ele.

Em virtude da ausência de flexão e de derivação, não é possível, para o lingüista, classificar a preposição e a conjunção pelo critério morfológico. Desta forma, Macambira recorre ao critério sintático e define a preposição como um conectivo subordinativo e a conjunção como um conectivo que pode ser subordinativo ou coordenativo.

Por seguir a classificação da NGB, Macambira inclui as interjeições como uma classe de palavra, contrariamente à posição de renomados lingüistas, tais como Vendryes,

R. Lenz e Mattoso Câmara Jr., para quem as interjeições são frases inteiras que ultrapassam os limites da gramática, pois fazem parte da linguagem afetiva. Numa atitude puramente descritivista, o autor preocupa-se, sobretudo, em investigar, nas interjeições, os aspectos que ele julga atinentes à forma, como a combinação estranha de fonemas e o traço supra-segmental da entonação, além de outras características, como o caráter assintático e o comportamento de "palavra-frase".

Não há, no livro de Macambira, uma alusão à problemática e controversa análise das palavras denotativas de expressão, para as quais a NGB determina uma "classificação à parte".

O que se pode concluir da leitura dos capítulos dedicados à classificação vocabular no livro *A Estrutura Morfo-sintática do Português* é que a obra ganha pela minuciosa descrição das propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos vocábulos, mas perde por repetir algumas das já tão prolapadas falhas da NGB, principalmente no que tange à utilização de critérios classificatórios heterogêneos.

Se, do ponto de vista do ensino tradicional da língua portuguesa, a obra muito contribui por realizar, com base em aspectos mais estruturais, essa tarefa de explicitação detalhada a que se omitem as gramáticas oficiais; do ponto de vista da ciência lingüística, ela falha por deixar de apresentar, desde o início, uma proposta de classificação mais consistente e inovadora, uma vez que a investigação das propriedades dos vocábulos, nessa obra, serviu, na maioria das vezes, para justificar um já existente sistema de classificação, herdando dele algumas de suas falhas.

BIBLIOGRAFIA

1. BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
2. BIDERMAN, Maria T. Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
3. CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
4. _____. *Princípios de lingüística geral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
5. CARONE, Flávia de B. *Morfossintaxe*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.
6. LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.
7. MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfo-sintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1987.
8. MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 2. ed. Fortaleza: EDUFC, 1987.